

Surrealismo total

Para usar uma palavra de eleição dos jovens, tem um proeminente lado hilário o fato de o senador Alexandre Costa, o ministro finca-pé, não poder prestar depoimento na Comissão Parlamentar de Inquérito do Orçamento, sob pena de deixar a pasta da Integração Regional, mas não precisar exonerar-se para se apresentar à Polícia Federal, que quer ouvi-lo sobre denúncias que o

dão como envolvido em irregularidades que estão sendo apuradas naquela CPI e pela Polícia Federal. O parlamentar maranhense foi apontado como participante do esquema de manipulação do Orçamento liderado pelo deputado João Alves. Além disso, segundo José Carlos Alves dos Santos, o senador, ao assumir o cargo que ocupa, empregou, como representantes do deputado baiano, sobre o qual pesam tão graves acusações, as *alvistas* Célia Brasil e Iolanda Abdala, devidamente credenciadas por terem servido no Ministério da Ação Social nas gestões Margarida Procópio e Ricardo Fiúza.

Não é pouca coisa. O que se propala já oferece razões mais do que suficientes para que o sr. Alexandre Costa retornasse ao Senado e desistisse de agarrar-se ao Executivo — ao qual poderia voltar, provada sua inocência. O presidente da República declarou que seus ministros não deporiam na CPI do Orçamento. Iriam lá, sim, mas na qualidade de ex-ministros. Por tal motivo, exonerou-se o titular do Gabinete Civil, o que não impediu que o sr. Itamar Franco, despedindo-se do sr. Henrique Hargreaves, prejulgasse, afirmando que ele estava sendo vítima de injustiça. Apesar de tudo, deixou que se fosse. Porém, quanto a seu antigo companheiro no Senado, permite que continue ministro, apesar de convocado pela Polícia Federal... Dá para confundir!

É que, para o governo, a CPI é diferente. Certamente porque a polícia é *dele* e a Comissão do Congresso, constituída no âmbito do Legislativo, é *política*. Lá, o sr. Alexandre Costa ficaria exposto. Não é fantástico? É forço-

so concluir que, diante do interrogatório de senadores e deputados, o do delegado é muito melhor, ou mais fácil de responder, ou mais suave, ou mais propício a que se possa escapulir. Não foi à toa que se cunhou a expressão “aos costumes, disse nada”.

O aspecto anedótico do episódio não precisa ser acentuado. Sem que seja necessário descer a considerações mais amplas, o caso já permite que se ria muito. O problema é que não se trata só de rir.

Causa tristeza constatar a que ponto chegou o poder público neste país de fábula, exposto a muitas crises, abrangentes e profundas, mas submetido a mil dificuldades decorrentes única e exclusivamente da incapacidade com que se defrontam os titulares desse poder para o exercício da autoridade.

Esta se desgasta, dia após dia, por intermédio da entronização da inflação, da falta de rumos do governo, do temperamento mercurial do presidente da República, da inação e da abulia generalizadas, da incompetência para dialogar com o Poder Legislativo e, para não alongar este diagnóstico, de sucessos como o que motiva este comentário, que seria agradável não ter de fazer, mas, já que há o fato a avaliar, cumpre fazer.

O ministro Alexandre Costa esteve anteontem em Manaus. Parece mais firme do que nunca. Como há de estar arrependido o ex-ministro Henrique Hargreaves de ter saído! Esperasse um pouco mais e talvez se fortalecesse no Gabinete Civil, graças ao exemplo do sr. Alexandre Costa. Mas, o que cabe ressaltar é que, na capital do Amazonas, o titular do Ministério da Integração Nacional foi envolvido por uma grata manifestação de solidariedade, que há de ter estimado particularmente. Ouviu do governador Gilberto Mestrinho que as acusações dirigidas a ele partem de grupos contrários ao desenvolvimento da Amazônia... Já não é mais o caso de dizer que dá para confundir; o que não dá é para entender.

É um surrealismo total.

* 5 NOV 1993